

UNICAMP

EVENTO: 3º STUDIO INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIAS DE IMAGEM
VEÍCULO: O Estado de São Paulo
DATA: 23 de outubro de 1993
PÁGINA: D 14
SEÇÃO: Caderno 2



3º Studio traz estrelas da nova era multimídia

Começa na terça-feira o evento internacional de tecnologias de imagem, com mostras, palestras e workshops

ANGÉLICA DE MORAES

Na terça-feira começa o 3º Studio Internacional de Tecnologias de Imagem, que traz a São Paulo vários astros da fotografia e das linguagens multimídia. O elenco de atrações se estenderá por 41 dias e inclui uma grande exposição sediada no Sesc-Pompeia, workshops, cursos, vídeos e palestras. A exposição terá obras de 21 artistas internacionais e 33 nacionais. Um dos maiores destaques será o americano Jerry Uelsmann, autor de imagens oníricas criadas através de fascinantes combinações de negativos (veja entrevista ao lado), que dá palestra na quinta-feira.

O professor Luiz Monforte, coordenador do evento bialenal desde sua primeira edição, em 1989, esclarece que o 3º Studio será "uma reflexão sobre a tecnologia, palavra que virou sinônimo de eletroeletrônica, mas que possui uma abrangência muito maior". Assim, frisa ele, "ninguém deve se surpreender ao encontrar na mostra um amplo painel de possibilidades técnicas". Estarão lado a

lado a milenar cerâmica e a computação gráfica, a fabricação artesanal de papel e a eletrografia, a xilogravura e o design gráfico. "Nesta nossa época barroca, de saturação de imagens, é preciso atentar para o fato de que o fazer humano é o mesmo seja na velocidade da eletrônica ou da mão", diz Monforte.

Entre as presenças internacionais estão o espanhol multimídia Javier Mariscal, a gravadora sul-africana Philippa Hobbs, o chileno Enrique Zamudio (fotos sobre tela) e o japonês Eikoh Hosoe (fotos de solarização mista). Grande sucesso na edição anterior do Studio, está de volta o americano Andrew Davidhazy e suas fascinantes distorções de imagens através de câmeras especialmente adaptadas. Entre os brasileiros figuram o designer de móveis Carlos Motta, a ceramista Célia Cymbalista e a escultora em vidro Jac Terpins. Haverá

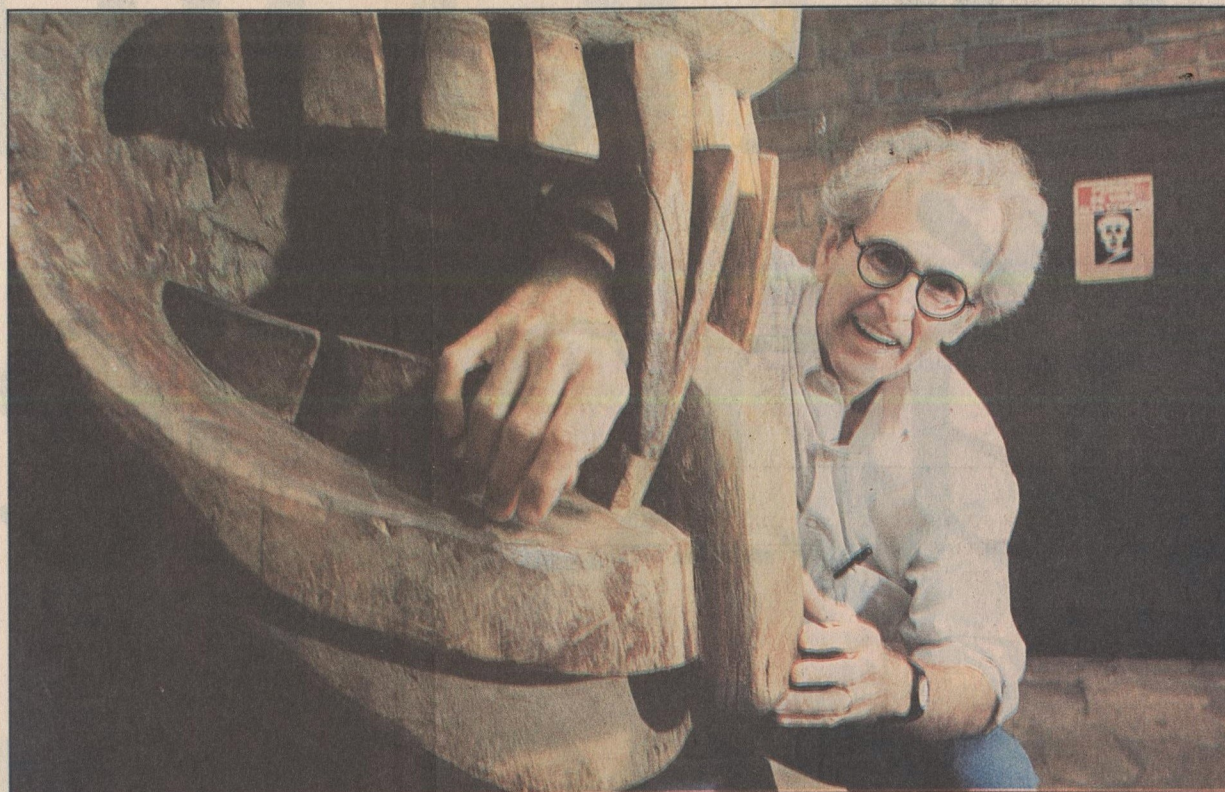
uma homenagem póstuma ao artista e expert em papel artesanal Otávio Roth. O evento é uma realização da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em associação com Sesc e Senac.



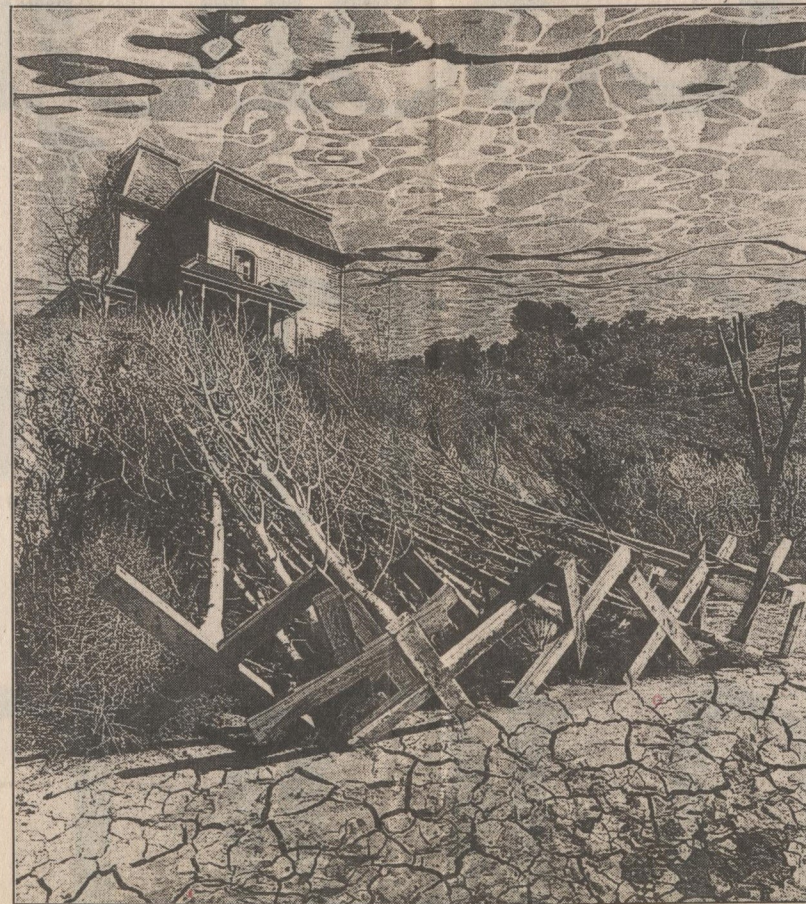
Jerry Uelsmann

O ELENCO DE ATRAÇÕES É MOSTRADO POR 41 DIAS

VISUAIS



Uelsmann explora clima de sonho através da soma de imagens insólitas



Jerry Uelsmann

Recurso do método: fotos nascem após trabalho no laboratório

Poesia vence o realismo americano

Quando Jerry Uelsmann começou a lecionar Fotografia no Departamento de Artes da Universidade da Flórida, nos anos 60, era o único fotógrafo entre os colegas escultores, pintores e gravadores. Não era tratado como um estranho: suas poéticas associações de imagens, de registro surrealista, foram logo entendidas como algo do universo das artes plásticas. O problema era com a seara dos fotógrafos, que recusavam taxativamente considerá-lo como um deles. Não era para menos. Os Estados Unidos possuem sólida herança de foto realista que tem dois de seus principais pilares no paisagismo de Anselm Adams e no jornalismo de Robert Capa. Uelsmann rompeu esses tabus. Hoje, que o realismo é posto em xeque e se destaca a subjetividade das imagens, Uelsmann, 59 anos, é reconhecido como um pioneiro. Sua consagração começou em 1969, quando o Museu de Arte Moderna de Nova York abriu-lhe as portas para uma individual. Desde então, suas obras estão no

acervo permanente de museus como o Metropolitan (NY) e Victoria and Albert (Londres). Aqui, uma entrevista exclusiva com ele.

Caderno 2 — Por que você resolveu construir a imagem em vez de captá-la diretamente do real?

Jerry Uelsmann — Porque eu fiquei insatisfeito com esse tipo de imagem, que não diz tudo o que pensamos. Quando faço uma foto, ela é apenas a anotação para um elemento de uma imagem que quero obter. Quando entro no laboratório é que realmente visualizo o que quero. Esse momento, em que manipulo e somo diversos negativos, é que é o da criação. É o que chamo de pós-visualização, minha resposta à insistência de Anselm Adams com a questão da pré-visualização. Eu gosto de imagens que desafiam o sentido de realidade. Além de vê-las, o público é provocado a resolvê-las.

Caderno 2 — Qual a influência de Minor White na sua obra?

Uelsmann — Fui seu aluno no Rochester Institute of Technology, nos anos 50. Minor é uma presença importante na produção fotográfica americana. Ele me ensinou uma série de conceitos que tangiam a espiritualidade. Ele apontava para a necessidade de tornarmos visível a percepção individual e isso se tornou a base do meu trabalho.

Caderno 2 — Até que ponto a técnica é importante para você?

Uelsmann — Eu não tenho nenhum problema em contar como faço minhas fotos, mas não gosto que vejam nelas apenas um procedimento técnico. Seria agir como o leitor de um livro que se preocupa só com a estrutura gramatical.

Caderno 2 — Reconhece a influência de Magritte e Man Ray?

Uelsmann — Acho que falamos a mesma linguagem. Mas só notei a afinidade depois. Na época em que comecei a fazer essas imagens, não conhecia o trabalho deles. Acredite se quiser.

Caderno 2 — Como você vê a evolução da fotografia hoje?

Uelsmann — Nunca se fez tanta foto de arte no mundo. O universo do fotógrafo se expandiu bastante. Graças aos multimeios e às facilidades eletroeletrônicas, está acontecendo uma espécie de boom criativo da fotografia.

(A.M.)